



O Jornalismo de Resistência nos Artigos Opinativos do Plantão Popular¹

Tuanny da Glória DUTRA²

Rafael Bellan Rodrigues de SOUZA³

Universidade Federal do Amazonas, Parintins - AM

RESUMO

O trabalho tem como propósito analisar os artigos opinativos presentes na segunda página do jornal impresso Plantão Popular, que se apresenta como um jornalismo resistente aos modos capitalistas de produção. Parte-se da ideia que os estudos relacionados a essa área de pesquisa são inéditos, o que pode instigar estudantes e pesquisadores a buscarem se aprofundar nesse estudo. O Plantão Popular surgiu de um movimento social que atua em Parintins, fator que contribuiu bastante para a sua escolha como objeto de pesquisa. No entanto, esse trabalho pretende contribuir qualitativamente para as reflexões relacionadas à mídia alternativa na atualidade tendo como foco a cidade de Parintins.

PALAVRAS – CHAVE: Parintins; Jornalismo de Resistência; Plantão Popular;

1. Introdução

Os jornais considerados de resistência se apresentam como uma forma de atuar contra a hegemonia que predomina nos meios de comunicação. Eles apresentam as informações de forma diferenciada, ou seja, com uma abordagem mais democrática abrindo espaços para a fala da população. Pois, segundo Kucinski (1991) a imprensa alternativa nasceu com esse propósito, por meio dos veículos alternativos que surgiram na década de 1964, no período da ditadura militar.

Durante a ditadura, o processo de atuação da imprensa alternativa se dividiu em várias fases com diferentes protagonistas, mas que lutaram com os mesmos propósitos de uma comunicação de resistência, mostrando os fatos que eram escondidos pela

¹ Trabalho submetido ao IJ / Jornalismo – XII Congresso de Ciências da Comunicação na Região Norte realizado de 01 a 03 de maio de 2013.

² Estudante do 7º semestre do Curso de Comunicação Social da Universidade Federal do Amazonas, e-mail: tuannydutra@hotmail.com

³ Orientador do trabalho. Professor do Curso de Comunicação Social / Jornalismo, e-mail: bellanrafarel@gmail.com



imprensa tradicional comandada pelo regime. Kucinski (1991) ressalta que naquela época enquanto a imprensa internacional divulgava as denúncias de tortura os “jornais brasileiros importantes, como o Globo, O Estado de S. Paulo e Folha de S. Paulo, escreviam editoriais negando as acusações” (p. 46).

Vale ressaltar que no período do regime militar a censura era extrema, mas isso não impossibilitava os jornalistas críticos daquela época a atuarem, mesmo que de fora do país, a serviço da informação de qualidade, proporcionando matérias sérias e comprometidas com o público. A maioria dos atores sociais que atuavam nesse período de censura eram estudantes e professores que foram expulsos das universidades e a partir daí resolveram fundar centros independentes de pesquisa, criando os jornais alternativos nas décadas de 1960-1970.

Percebe-se que nessa época surgiram muitos jornais alternativos, que atuavam de diversas formas. E, nos dias de hoje onde não existe censura e todos podem exercer sua indignação em relação ao poder, além de proporcionar diversos meios como a internet, que dispõe das redes sociais entre outras ferramentas que possibilitam a divulgação de informações, existe uma grande carência em relação a esse assunto.

A proposta deste estudo (resultado do relatório parcial de Projeto de Iniciação Científica na modalidade de PIBIC realizada na Universidade Federal do Amazonas (*Campus Parintins*)) é identificar a presença do jornalismo de resistência nas páginas do jornal *Plantão Popular*, orientados por meio dos conceitos apresentados por diferentes autores que exibem suas posições em relação ao jornalismo de resistência.

A escolha do objeto de pesquisa, *Plantão Popular*, se deu pelo fato de o veículo se apresentar a favor da luta pela democratização da informação na cidade de Parintins, e assim descobrir se realmente existe a presença de um jornalismo de resistência atuando diariamente na cidade. A análise partirá da coleta de edições retiradas dos meses de setembro, outubro, novembro e dezembro de 2012, o que contabilizará oito edições, duas edições de cada mês escolhido.

A mídia tradicional, hoje em dia, só publica informações que lhe dê algum retorno financeiro, procuram investir em programas banais e em informações sem importância social, dessa forma, o público se torna ainda mais passivo, pois não acompanham fatos como, por exemplo, protestos contra a corrupção, greve dos trabalhadores entre outras manifestações que acontecem no Brasil e no Mundo.



Para Ramonet (1999) os veículos tradicionais passaram a valorizar o conteúdo que lhes davam mais lucro e deixaram de lado a verdadeira essência do jornalismo de repassar informações comprometidas com a totalidade.

Podemos citar três exemplos de veículos alternativos que atuam no país, que são “O Jornal Brasil de Fato”, o “CMI” e “O Jornal Pessoal”, que surgiram com o mesmo propósito, dar voz aos menos favorecidos, levantando questões que são muitas vezes encobertas pela mídia tradicional. Esses produtos permitem refletirmos as especificidades do jornalismo de resistência, modelo que acreditamos se aproximar do informativo Plantão Popular.

A relevância do trabalho se dá justamente pela carência do jornalismo de resistência na cidade, sendo que a pesquisa convida os futuros profissionais da área a pensarem na forma de atuar como resistentes a grupos políticos que fazem da informação correia de transmissão de seus interesses.

2. A Informação na Forma do Jornalismo de Resistência

A proposta deste tópico é fazer uma breve apresentação dos conceitos que orientam esse estudo, por meio da teoria de alguns autores que veem o jornalismo como uma ferramenta capaz de atuar em favor dos menos favorecidos, com um papel significativo na luta pela construção de uma sociedade igualitária.

A carência dos estudos voltados à produção da informação, desconectada do modo capitalista de produção, resulta na produção cada vez mais alienada dos veículos de imprensa. O que, conseqüentemente, formam sujeitos cada vez mais passivos e incapazes de lutar pelos seus direitos sociais.

No entanto, autores como Adelmo Genro Filho (1987) apontam que existe uma possibilidade de reverter esse quadro, por meio da criação de uma teoria do jornalismo que o classifique como uma forma social de conhecimento guiado pela categoria do singular, particular e universal. Para o autor, a notícia é cristalizada no singular, pois representa o imediato que dá sentido ao fato, assim ele pode ser interpretado pelo leitor deixando espaço para que ele próprio reflita sobre o acontecimento. Dessa forma, o jornalismo estará contribuindo para sua formação social, e ajudando o sujeito a deixar de ser passivo, passando a atuar ativamente pelos seus direitos.



A informação nos veículos tradicionais é tratada como uma mercadoria, assim, ela não apresenta nenhum vínculo com a comunidade, pois seu único foco é o lucro. Ramonet (1999) discorre que os avanços tecnológicos foram os grandes responsáveis por esse descaso com a informação comprometida. Os jornais impressos, principalmente, tiveram que se adequar ao modo de produção dos meios, primeiramente, com o advento do rádio, depois a TV e logo em a internet.

Ramonet (1999) aponta que a supermediatização não representa uma boa informação, pois, atualmente os veículos prezam pela rapidez em informar e isso pode causar equívocos. Mesmo com todas as facilidades e praticidades oferecidas pelos veículos tecnológicos, a mídia impressa pode sair na frente, isso só depende do próprio jornalista de usar sua criatividade e esperteza na apuração dos fatos, buscando sempre outros olhares que não foram percebidos pelos profissionais que atuam nos veículos tradicionais contemporâneos.

A atuação diferenciada, buscando sempre ir além do óbvio, tentando responder as perguntas que são deixadas de lado, não se contentando somente com alguns relatos, indo sempre além são características de um jornalismo de resistência, de acordo com Pena (2008).

Apesar de os meios tradicionais atuarem a favor do capitalismo, esses três autores apontam que é possível tratar a informação de forma democrática. Genro Filho (1987) descreve que a notícia possui seu valor de troca com seu enfoque publicitário, mas mesmo que secundariamente, ainda se apresenta como valor de uso, pois para que as publicidades ganhem destaque nas páginas dos jornais, elas precisam da informação para conquistar o público.

Para Ramonet (1999) a informação de qualidade e democrática depende de cada profissional, que deve fazer uma análise antes e depois da produção de sua matéria, realizando uma autocrítica em relação ao seu conteúdo. Além disso, ele deve ser comprometido e assumir a sua responsabilidade com os leitores que depositam a sua confiança em seu trabalho. Para o autor, essa seria uma alternativa para alcançar a democratização midiática.

No entanto, mesmo que o profissional siga esses conselhos, ele não será considerado como um “herói”, segundo Pena (2008).



Não me contento com a classificação da notícia como simples mercadorias ou com as limitações das rotinas produtivas. Acredito nas possibilidades de construção social da realidade através do jornalismo e ainda vejo no profissional da imprensa um papel importante nessa dinâmica (PENA, 2008, p.168).

Além da possibilidade de atuar democraticamente em veículos tradicionais apresentados acima, outra forma é por meio de veículos alternativos, onde se pode atuar diretamente em favor da democracia. Esses veículos, normalmente, são formados por partidos, sindicatos ou ONGS.

Downing (2002) denomina esse termo como *mídia radical* – “em geral de pequena escala e sob muitas formas diferentes – que expressa um visão alternativa às políticas, prioridades e perspectivas hegemônicas” (p.21).

Mesmo sendo em pequena escala, por falta de recursos financeiros, essa mídia pode causar grandes impactos. Ela objetiva combater a estrutura do poder e seus comportamentos, envolve pessoas dispostas a expor suas ideias além da mercadoria. Apresenta um caráter negativo por estar sempre contra algo, produzindo matérias de denúncia, fazendo críticas e revelando o que é ocultado pela mídia hegemônica.

No entanto, mesmo o conceito de mídia radical se assemelhando ao modelo de resistência, este último ainda prevalece no trabalho, pois além de ele atuar em jornais alternativos ele pode se manifestar dentro das próprias empresas de comunicação. Assim, a informação repassada como forma social de conhecimento consegue alcançar de forma geral a totalidade social.

3. O Jornalismo de Resistência em Parintins

Parintins dispõe de um veículo de informação impresso que apresenta algumas características que se aproximam do conceito de resistência apresentados aqui. Trata-se do jornal Plantão Popular, que circula diariamente na cidade e surgiu com a finalidade de servir a população, dando voz a ela.

Antes de entrar na análise do Plantão Popular é relevante citar alguns exemplos de mídias alternativas no Brasil como o jornal Brasil de Fato, o CMI e o Jornal Pessoal.



Esse três veículos circulam atualmente contra a hegemonia que impera no País, que deixa em segundo plano os interesses das classes subalternas.

O jornal Brasil de Fato foi criado durante o Fórum Social Mundial em 2003, é o único jornal que circula na forma imprensa e também via internet, por meio de seu site. Ele foi escolhido como exemplo, por ser um jornal de esquerda e circular a quase uma década no país.

O Crítica de Mídia Independente – CMI é um espaço virtual aberto para que todos possam ter acesso e expor seu conteúdo na página do site. Ele apresenta um estilo diferenciado, é uma forma inovadora de dar voz a quem necessita falar e não tem um espaço na mídia para isso. O Jornal Pessoal atua na região Norte, é de propriedade do jornalista paraense Lúcio Flavio Pinto que criou e dirige seu jornal sozinho a mais de vinte anos.

O Plantão Popular, em seu lado opinativo, é bastante crítico. Apresenta artigos de cunho social, charges críticas, espaços denominados como “conexão popular” e a “Vara Curta” que apresenta muitas vezes críticas relacionadas às matérias de maior impacto em cada edição. Além de se apresentar com o lema: “o outro olhar da notícia” que desperta a ilusão de um informativo diferenciado com informações revolucionárias.

Vale ressaltar que os estudos voltados para essa prática jornalística em Parintins é inédita, ou seja, por meio de seus desdobramentos será possível conduzir acadêmicos e pesquisadores dessa área do conhecimento a se aprofundarem cada vez mais em seus estudos.

Partindo da ideia da possível atuação de um jornalismo que vá contra a hegemonia, é um passo relevante que merece uma abordagem densa, pois, uma cidade considerada pequena em relação aos grandes centros urbanos, que abriga um veículo resistente atuando em favor dos menos favorecidos, pode ser uma peça fundamental no processo de conscientização da população em relação à predominância do poder local.

Visto que a cidade de Parintins é comandada por diversos grupos políticos e religiosos, é extramente necessária a presença desse tipo de mídia, que se mostra capaz de orientar os sujeitos que a mídia tradicional transformou em passivos, os tornando sujeitos ativos na luta a favor de seus direitos sociais.

4. **Análise dos Textos Opinativos**



Iremos aqui analisar a linha editorial do *Plantão Popular*, por meio da descrição dos artigos opinativos presentes na página 02 do veículo. No período escolhido para realizar a análise, o *Plantão* circulava de terça a sábado, fator que fez com que ele abordasse questões do dia a dia da cidade. Oito edições foram selecionadas para o estudo, sendo duas retiradas do mês de setembro, duas de outubro, duas de novembro e duas de dezembro de 2012.

Esse método foi proposto no sentido de perceber a forma de produção desenvolvida no informativo. Assim, entende-se que alternar as edições para análise posterior possibilita contemplar de maneira ampla as observações no conteúdo do jornal para, então, identificar a presença ou ausência do jornalismo de resistência sugerido pelo “*Plantão*”.

Começamos pelo mês de setembro, com o artigo intitulado *Memória Insurgente*, publicado no dia 01 do mês. De autoria do monge beneditino Marcelo Barros, o texto buscou abordar a questão dos movimentos populares que atuam na América Latina, com a participação de pastores e cristãos de várias igrejas.

O autor deu destaque para nomes como o do padre Francisco Cavazzutti que sofreu um atentado à bala em 1987, mas sobreviveu ao ataque que completou 25 anos e também Dom Hélder Câmara que faleceu em 1999, em Recife.

Barros ainda expõe que nas periferias, as comunidades pastorais ainda costumam atuar guiados pelo espírito de Deus. Mas, ele aborda que quando a igreja passa a se importar apenas com suas atividades internas, ela se torna “mesquinha e indigna de Deus”.

O segundo artigo do mês de setembro foi escrito pela professora da Ufam, jornalista, editora de política do jornal *A CRÍTICA* e membro do Movimento Solidário de Mulheres do Amazonas (Musas), Ivânia Vieira. Seu artigo foi publicado no dia 04 de setembro, intitulado: *Quem Somos Nós?*

A autora se baseia nos questionamentos da pesquisadora Michelle Perrot, que busca compreender quem são as mulheres? Atualmente, o número de mulheres no mercado de trabalho, na construção civil, como chefes de família só aumenta de acordo com o IBGE. No entanto, ainda permanece a questão do salário, que mesmo as mulheres atuando com as mesmas funções dos homens, elas recebem 36% a menos que eles. Por que isso acontece? Pergunta que fica solta, sem resposta. A autora narra ainda



que “os silêncios da história são vastos quando se busca elementos para contá-la na perspectiva das mulheres”.

O terceiro artigo se refere à edição do dia 09 de outubro, de autoria do professor de Sociologia da Ufam, Geraldo Magela. *Rituais da Democracia* é o título do trabalho que discorre sobre a eleição para prefeito da cidade de Parintins, o autor expõe que a população teve que optar pelo “diabo” ou “coisa ruim”. Sendo que o “diabo” foi eleito.

Magela discorre que a população tem o político que merece, no entanto, cogita como a vontade popular pode ser franca se elas não possuem a consciência necessária para entender quem realmente está do seu lado. Ele afirma que a “a vontade popular é um misto de ingenuidade, desespero e desejo de mudança”.

No dia 10 de outubro o artigo que ilustrou a segunda página do Plantão se intitulava *O pensamento crítico sofre duas perdas - parte 2* de autoria do Doutor em Sociologia e professor da Ufam, Rafael Bellan. O artigo informa o legado deixado pelos pensadores marxistas Carlos Nelson Coutinho e Eric Hobsbawm em relação à “necessidade de nos organizarmos contra as classes que sustentam a farsa eleitoral”.

O mês de novembro é representado pelo artigo de Roberta Traspadini, economista e doutoranda da Universidade Nacional do México (UNAM). O título de seu artigo é *América Latina: o campo em disputa*, publicado no dia 13 de novembro de 2012. O trabalho aborda a questão agrária na América Latina, como um fator predominante da luta de classes. A autora relata “o avanço do monocultivo transnacional no campo latino e a transferência de recursos para as principais sedes dos donos do capital (...) piorando as condições de vida no campo”. Ressaltando a grande desigualdade dos recursos oferecidos para a cidade em relação ao campo.

O segundo artigo de novembro possui o título *Sandy e a imprensa*, de Vito Giannotti que faz uma crítica aos meios de comunicação em relação às matérias sobre o furacão Sandy que atingiu os Estados Unidos, não que não seja relevante publicarem esse acontecimento. Contudo, a questão é a seguinte, porque essa mesma mídia não relatou que antes do Sandy ter atingido os EUA ele passou pela América Central e Caribe causando muitas vítimas fatais. O autor se mostra indignado com o desinteresse da mídia em cobrir tragédias que acontecem em outros países do mundo, além dos EUA.

O autor ressalta que os brasileiros estão mais informados sobre os problemas dos Estados Unidos do que, por exemplo, com informações sobre os índios brasileiros



Guarany – Kaiowá do Mato Grosso do Sul “que se suicidam desesperados com o eterno roubo de suas terras”. Giannotti encerra dizendo que “ou nós criamos nossa mídia para falar do que interessa aos trabalhadores ou vamos continuar a olhar as capas de revistas e jornais deles e escutar locutores quase chorando quando falam sobre o furacão Sandy, lá nos EUA”.

Os dois últimos artigos foram retirados do mês de dezembro, os dois textos trazem o Natal como inspiração. O primeiro é da jornalista Elaine Tavares, seu título é *Farejando autoras...* Publicado no dia 22, faz uma reflexão dessa época desde os ancestrais nas eras “imemoráveis por todas as culturas da terra”, partindo do festejo ao aniversário de Jesus que é a forma mais conhecida e praticada, o “solstício de verão, o começo de uma nova estação cheia de beleza e luz”, além das tradições do povo andino, “Qhapac Rayme”, que oferecia alimentos a mãe-terra, “Pachamama”. Todas essas culturas com suas respectivas tradições representam um “reviver” segundo a autora, que encerra afirmando que o Natal representa uma “data mágica de todas as fés” sendo assim, que tudo seja feito para o “bem das gentes (...) como todos os deuses e deusas... e que brote o amor, esse sentimento revolucionário, e que se mude a vida...”.

O artigo denominado *A estrela de Belém* foi publicado no dia 24 do mês. Autoria de Frei Beto, que inicia contando a história da estrela que surgiu no céu representando o nascimento de Jesus. Fala dos seus símbolos, e de três fatores que são: caráter religioso da festa; a fissura papainoélica do consumismo; proximidade da virada do ano.

O autor ressalva que somos “órfãos da esperança”, pois tudo está a alcance do poder, menos o que se mais necessita “um sentido para a vida”. Encerra com um recado: “Em vez de dar presentes, fazer-se presente lá onde reina a ausência: de afeto, saúde, liberdade, direitos. Dobrar os joelhos junto à manjedoura que abriga tantos excluídos, imagens vivas do menino de Belém”.

Pode-se observar que os temas dos artigos foram diversificados, o que contribuiu na reprodução de conhecimentos, por meio do pensamento de diversos autores. Desde assuntos que abordavam a questão dos movimentos sociais na América Latina, passando pelo tema das mulheres, a questão agrária, críticas as eleições e a forma de atuação da mídia que sempre deixa em destaque notícias dos EUA, sendo que os problemas existentes no Brasil são ocultados pela mídia brasileira, assunto tratado no



artigo de Vito Giannotti, podendo observar a realidade presente nos meios de comunicação tradicionais.

Os dois últimos artigos, por serem edições que antecedem o Natal, foi-se aproveitado esse gancho para mostrar uma mensagem natalina diferenciada, apresentado aspectos deixados de lado como a solidariedade, voltando-se somente para o consumo extremo. Nesse ponto, verifica-se a consideração pelo contexto do momento em determinadas publicações.

Das edições escolhidas pode-se concluir que nenhuma tratava diretamente de movimentos sociais. No entanto, os artigos tem um cunho social relacionado a diversos assuntos como a questão da democracia do voto tratado no artigo *Rituais da Democracia* de autoria do professor Geraldo Magela, onde a população teve um espaço para refletir sobre seus direitos como cidadãos.

Nesse aspecto, o jornal abre o espaços para a discussão de temáticas, na maioria das vezes, escondidas pelas mídias tradicionais, como o caso da luta de classe em relação as questões agrárias na América Latina presente no artigo da economista Roberta Traspadini.

As mulheres tratadas no artigo da jornalista Ivânia Vieira, se relaciona a luta pelos direitos do sexo feminino que são vistos, ainda, de forma inferior na sociedade contemporânea. Essa visão, se remete à uma abordagem crítica no contexto da resistência que se enquadra na proposta do veículo, pois esse assunto é uma forma de retratar a intensa luta das mulheres pelos direito igualitários no campo econômico, social, político e cultural.

A crítica feita pelo escritor Vito Giannotti sobre a atuação da mídia nacional, se mostrou como uma forma de manifestação ao modelo de produção e divulgação da notícia. Trata-se dos questionamentos no que diz respeito a seleção do conteúdo veiculado na imprensa, pois no caso do furacão Sandy houve uma super valorização do assunto em detrimento de temas relevantes que acontecem no país.

Por meio do estudo realizado na editoria de opinião do Plantão Popular é possível perceber que ele apresenta características de um jornal de resistência, pois os conteúdos críticos presentes nos artigos opinativos abordam um visão em contra partida ao padrão instituído na mídia em geral.

Pode-se perceber que os artigos apresentados durante o período da análise, abordaram assuntos referentes ao âmbito nacional, das oito edições analisadas apenas



um artigo era voltado diretamente para a cidade de Parintins. Dessa forma se conclui que o conteúdo dos artigos opinativos do Plantão apresentam argumentos críticos, mas de forma geral, deixando os assuntos locais para segundo plano.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

O estudo sobre a presença do jornalismo de resistência em Parintins é um ponto de partida na luta pela informação comprometida com a coletividade, como uma forma de abrir os olhos da população que ainda é refém da mídia tradicional comandada por grupos da hegemonia local.

A partir da análise dos artigos de opinião apresentados neste trabalho é possível identificar as possibilidades de atuação de uma mídia resistente ao modelo estabelecido na imprensa contemporânea, que tende a expor somente um direcionamento nas abordagens dos fatos noticiosos.

Apesar desse aspecto positivo em relação ao jornalismo de resistência. Há limitações nesse tipo de produção jornalística em Parintins, visto que a cidade é comandada por grupos religiosos e políticos que controlam e sustentam a mídia. Assim, a possível implantação de um jornalismo voltado para os interesses de seu público, representa um diferencial em relação aos meios de comunicação existentes no contexto parintinense.

Sendo assim, a realização deste trabalho é relevante por apresentar caminhos para os estudos relacionados a essa temática, além de proporcionar ao leitor os processos de atuação nesse campo, embasados por meio do pensamento de autores especializados nessa área de pesquisa referente ao jornalismo de resistência.

Considerou-se para esse trabalho os artigos opinativos presentes na segunda página da estrutura do impresso, no entanto, há outros aspectos correspondente as páginas três e quatro compostas por notícias, escritas pelo proprietário do jornal e mais um repórter que fazem a cobertura da editoria cidade.

Vale ressaltar que esses aspectos não chegaram a ser analisados neste trabalho, por se tratar de apenas uma parte da pesquisa⁴ ainda em andamento. Para tanto, objetiva-se aprofundar a análise abordando o tema proposto no estudo.

⁴ Projeto de Iniciação Científica na modalidade de PIBIC (2012/2013) realizado na Universidade Federal do Amazonas – (*Campus Parintins*)



Referências Bibliográficas

DOWNING, John D. H. **Mídia Radical: rebeldia nas comunicações e movimentos sociais.** São Paulo: Editora Senac, 2002.

GENRO FILHO, Adelmo. **O segredo da pirâmide** – para uma teoria marxista do jornalismo. Porto Alegre: Tchê, 1987.

KUCINSKI, Bernardo. **Jornalistas e revolucionários:** nos tempos da imprensa alternativa. Página aberta: São Paulo, 1991.

PENA, Felipe. **Teoria do jornalismo.** São Paulo. Editora: Contexto. 2008.

RAMONET, Ignácio. **A Tirania da comunicação.** 1999.